

“A RELAÇÃO ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA E A LÍNGUA PROVENÇAL”

Ricardo Xavier

“Mas sens o voler, lo pòble occitan mestrejava e senhorejava per sa lenga sus totis los païses a l’ entorn. Passant las Pirineas e las Alpas nostra lenga occitana, floriguent en belas cançons e en sirventés arderoses suls pòts dels trovadors, anèt inspirar las autras lengas romanas encara al breç.” (Joseph Salvat – “L’ Occitane al Segle XIII”)

“Mas involuntariamente o povo ocitano exercia, através da sua língua, um domínio, uma prevalência sobre todas as regiões e países próximos. Indo além dos Pirineus e dos Alpes, florescendo em belas canções e em poesias satíricas veementes nas bocas dos trovadores, havendo inspirado as outras línguas românicas ainda no nascedouro.”

RESUMO:

Nos séculos XII e XIII a língua e a literatura provençais assumiram uma posição de inquestionável preponderância no âmbito da cultura da Europa Ocidental. A língua provençal exerceu uma influência profunda sobre as outras línguas românicas, mormente na Galiza e no Condado Portucalense devido à presença considerável de falantes desta língua em função da aliança político-militar ibero-gálica contra os Mouros e também devido à concessão de extensos territórios a nobres da Gália para fins de colonização e prevenção de eventual reocupação, pelos Mouros, de terras já liberadas. Por conseguinte, vários fatos linguísticos duvidosos em galego e português somente podem ser esclarecidos através do provençal antigo, e o conhecimento deste se faz necessário para uma compreensão plena da gramática e do léxico de ambas as línguas.

Palavras-chave: influência do provençal antigo; etimologia do provençal; antigo; empréstimos; provençal mais próximo do que o castelhano; esclarecimento de questões e formas até o presente inexplicadas

THE RELATIONSHIP BETWEEN THE PORTUGUESE AND PROVENÇAL LANGUAGES

ABSTRACT:

In the twelfth and thirteenth centuries the Provençal language and literature played by far the leading role in the Western Europe culture. The Provençal language had a deep influence upon other Romance languages, above all in Galicia and the Portuguese County owing to the wide presence of provençal-speaking people within the frame of the Ibero-Gallic political and military alliance for fighting the Moors and to the granting of large tracts of land to Gallic noblemen for the purpose of settlement and prevention of eventual land re-occupancy by Moors. Therefore, plenty of doubtful language facts both in Galician and Portuguese can only be clarified through old Provençal, and its knowledge is required for a full understanding of their grammar and vocabulary.

Key-words: old Provençal influence; old Provençal etymology; loan-words; closer than Castilian; clarification of questions and word-forms; hitherto unexplained

Preâmbulo

O que é “provençal”?

Os factos da história externa

Os factos da história interna – fonologia, morfologia, léxico

Conclusão

As palavras de Joseph Salvat dão ensejo a várias considerações e a alguma ambigüidade. Uma primeira leitura nos dá a impressão de um texto muito denso e exato em termos de significado, ainda que muito sucinto. Em poucas palavras o autor descreveu com precisão uma realidade histórica nas suas vertentes cultural e lingüística. É facto reconhecido que a cultura provençal exerceu uma influência fundamental e enorme sobre a cultura da Europa ocidental nos séculos XII e XIII. Se o veículo desta influência foi a língua, o alvo maior e evidente foi a literatura. Foram os trovadores provençais que criaram a literatura profana no Ocidente europeu e que ensinaram ibéricos, franceses, alemães e italianos a escrever poesia. Contudo, na frase final de Salvat se nos depara uma ambigüidade; nesta o autor escreve que a língua provençal “inspirou as outras línguas românicas ainda no nascedouro”. Não disse, como seria natural depois de se referir a “belas cantigas e poesias satíricas”, que o provençal inspirou outras literaturas, mas

sim “outras línguas”. Como interpretar estas palavras de forma exata? Estaria o autor querendo dizer que esta influência transcendeu o âmbito das literaturas e atingiu também o âmbito das línguas? No início do texto outra menção ao veículo de influência e da prevalência da cultura provençal: “sua língua”. Isto se afigura coerente e significativo. Parece que Salvat está a indicar que não foram somente as literaturas que receberam o influxo provençal, mas também as respectivas línguas. Há um conceito unânime quanto à influência no âmbito da literatura – os trovadores ibéricos, Dante e outros italianos, os “Minnesaenger” et alii o confirmam em alto e bom tom. Mas quanto às línguas? Terá o provençal influenciado as outras línguas de permeio com a literatura, como parecem indicar as palavras de Salvat? Terão o brilho e a grandeza da sua cultura produzido efeito também sobre as outras línguas românicas? O que dizem os lingüistas a este respeito? Até onde nos é dado saber, pouco, muito pouco, quase nada ao longo de 700 anos. Os comentários, estudos, apreciações se voltam para a literatura. É certo que no âmbito da filologia românica e da lingüística comparada houve vários estudos abordando as diversas línguas românicas e relações entre as mesmas, mas não nos parece ter havido um foco sobre uma eventual relação entre português e provençal especificamente. Empréstimos tivemos muitos, a própria linguagem poética de ibéricos e italianos o demonstra fartamente. Estaria esta relação limitada ao léxico? Haveria influência também na fonologia, na morfologia, na sintaxe? Silêncio, uma lacuna bibliográfica. Quando se compara o léxico medieval do provençal e do português, logo se evidencia uma pletora de “coincidências” lexicais, que aqui chamaremos de isolexias. Bem, mas em se tratando de línguas da mesma família, nada mais natural e óbvio. Surpresa seria se assim não fosse. Certamente, porém, existe algo mais que aí se manifesta. Se há muitas isolexias, devem-se considerar três opções: ou porque há similaridade ou identidade de evolução fonética, ou porque a história das línguas contribuiu para tal, ou porque há concomitância destes dois factores. A gramática histórica não parece favorecer-nos muito neste aspecto, seja porque normalmente não se vale da comparação entre línguas, seja porque se concentra na história interna, relegando a história externa das línguas a segundo plano. Consequentemente, é preciso realizar um exame atento e minucioso do léxico e tirar as conclusões cabíveis, levando em conta tanto a história externa como a interna. Contudo, há uma outra questão que assoma durante este trabalho comparativo e que se reveste de significado muito especial: nos primeiros séculos de existência do português e do provençal existe uma grande proximidade léxica entre estas duas línguas. Queremos dizer com isto que muitas vezes a similaridade ou identidade léxica entre português e provençal se manifestam ou se mantêm

mesmo naqueles casos em que as formas das outras línguas coirmãs (asturleonês, castelhano, aragonês, francês, etc.) divergem. Por exemplo: o português e o provençal têm a palavra “pai”, mas o castelhano tem “padre” e o francês “pere”; o português e o provençal têm a palavra “turma”, mas o castelhano e o francês não a possuem. Em outros termos, parece haver uma relação estreita entre português e provençal, mais estreita do que supôs (ou deixou de supor) a lingüística histórica e comparada. Em função da distância geográfica entre as respectivas regiões, tudo leva a crer que esta relação tenha fundamento na, ou tenha sido possibilitada pela história externa das duas línguas. Em anos recentes um lingüista português aventou a hipótese de o subdialeto da Beira Baixa e Alto Alentejo ser de origem provençal, valendo-se para tal de fatos da história externa e também da história interna.

O corpus do nosso estudo é o “Petit Dictionnaire Provençal-Français” de Emil Levy, Ed. Carl Winter, Univ. de Heidelberg- 5ª.edição, 1973. Em um universo de cerca de 12.000 verbetes selecionamos aproximadamente 1500 isolexias e formas de marcante similaridade para fins de ilustração e exemplo, e destas extraímos 145 para apresentação e análise durante a exposição oral.

O que é “provençal”

O termo “provençal” teve a preferência da filologia românica tradicional, ainda que na sua acepção própria tenha sentido ambivalente. A rigor “provençal” se deveria aplicar somente aos dialetos da Provença e não a todo o Languedoc ou Ocitânia, como tem sido feito. Assim sendo, “provençal” significa “provençal” propriamente e “ocitano”, ou seja, uma parte da Ocitânia e ao mesmo tempo toda a Ocitânia ou Languedoc. Na Idade Média “Provença” designava todo o território da antiga província romana, a Provincia Gallia Narbonensis. O termo mais adequado seria, portanto, “ocitânico”, que engloba toda a antiga região do Languedoc e os seus dialetos – limousin, auvergnat, gascon, dauphinois, etc. – e por isto modernamente “provençal” designa somente os subdialeto da Provença, ao passo que “ocitânico” se refere a toda a região do Languedoc. Este termo surgiu em torno do ano de 1300 com base na expressão “Languedoc”, mas caiu em desuso até o século XIX, quando foi retomado e atualmente tem a preferência. No presente estudo, porém, adotamos o termo “provençal” em respeito à bibliografia tradicional que a utiliza de modo generalizado.

A linguagem dos textos provençais, das cantigas e sirventés não é uniforme, pois reflete os vários dialetos então existentes no Languedoc, conforme a origem dos respectivos autores. Some-se a isto a discrepância ortográfica entre os textos e até mesmo dentro destes, reflexo da ausência generalizada de normalização. Quanto à ortografia adotada por Emil Levy

em seu dicionário, esclarece o mesmo que se valeu dos seguintes princípios: a fricativa alveolar surda é grafada como “s”, a fricativa alveolar sonora como “z”, a lateral palatal como “lh”, a nasal palatal como “nh” e a africada posalveolar surda como “ch”. Além disto, o autor manteve o “n” final susceptível de apócope e desprezou o “t” final depois de “n”, em vez de “-tion” usou “-cion” e manteve os sufixos “-ansa”, “-atge”, “-ejar” e “-eza”.

Os fatos da história externa

Para compreender o processo cultural que veio a favorecer o estreitamento de relações entre os Condados Portucalense e da Galiza e a Provença, e com isto compreender as implicações de ordem lingüística, é necessário considerar os factos principais da história externa de ambos os Condados e da Provença.

I) Provença

Quando os romanos chegaram à Galia no ano de 125 antes da nossa era, encontraram o litoral do Mediterrâneo ocupado por colônias gregas como Massilia (Marseille), Nike (Nice ou Nisa), Antipolis (Antibes) e outras, e o interior ocupado por celtas ao centro e a leste, por aquitanos (íberos) a oeste, entre o rio Garona e o litoral. Os celtas já habitavam esta região há vários séculos e suas línguas, juntamente com a dos aquitanos, se constituirão em substratos do latim. Contudo, a Galia não foi ocupada de uma só vez, mas sim em duas etapas. A primeira, que vai de 125 a 118, abrangeu a região entre a fronteira da Itália e o rio Garona, que foi chamada de Gallia Togata ou Província Romana, donde posteriormente “Provença”. A segunda etapa, entre os anos de 58 e 51 antes da nossa era, através da campanha e conquista levada a efeito por Julio César, representou o domínio do conjunto da Galia. Em função da grande extensão do território conquistado e também de dificuldades de ordem administrativa, a segunda parte conquistada da Galia foi dividida em três: a Aquitânia habitada pelos íberos, a Galia puramente céltica e o território celto-germânico dos Belgas. Questões relacionadas com a administração da lei e da justiça foram estabelecidas de modo diverso para a antiga província da Galia e para as três mais novas. A primeira passou por um processo de romanização imediata e completa; nas outras procedeu-se em primeira instância a uma mera regulamentação do estado das coisas. Este contraste a nível administrativo foi a causa básica e principal da diferença entre as regiões que posteriormente seriam conhecidas como Langue d’Oc e Langue d’Oil. Na primeira as cidades e a vida urbana floresceram, houve grande desenvolvimento econômico e os cidadãos tinham possibilidade de aceder ao status e aos benefícios da lei romana e, em caso de ingresso no exército imperial ou de exercício de cargos em suas respectivas cidades, gozavam de igualdade em termos legais com os

cidadãos da Itália, podendo chegar a ocupar postos e obter honras no serviço imperial. Na segunda, por outro lado, não havia cidades onde se pudesse gozar dos benefícios do direito e da lei romanos, à exceção de Lugdunum (Lyon). A civilização se concentrou no sul, grandes monumentos da arquitetura e da arte romanas ainda hoje existentes constituem a prova mais eloqüente da romanização intensa, ao passo que o restante da Galia passou a ser chamada de Gallia Barbara. É fácil imaginar as conseqüências destas discrepâncias sobre a questão lingüística e porque a língua d'oc será uma língua tão mais próxima do latim do que a língua d'oil que se formará no norte da Galia posteriormente sob influência germânica.

Com a crise e o declínio do império, a situação na Galia passa por uma grande transformação. No século V da nossa era a região é invadida por povos bárbaros do leste e dentre estes são os Visigodos os que permanecerão e fundarão um reino com capital em Tolosa no sul, na parte romanizada da Galia. Este reino não será de longa duração (cerca de 80 anos), sendo que os Visigodos já se achavam parcialmente romanizados. No norte da Galia são os Francos, também de etnia germânica, que assumirão o controle. No que tange à questão lingüística e às implicações desta nova situação, o que ocorre é o enfraquecimento considerável da cultura clássica e das escolas que não tinham mais condições de opor resistência aos novos tempos e tendências em termos de linguagem. A conseqüência é a manifestação livre das formas e procedimentos da linguagem corrente e popular em todas as classes sociais, dando margem a uma diferenciação que já se esboçava em toda a România, em razão do que o latim passa a ser falado de diversas maneiras, propiciando logo depois o surgimento de outras línguas e dialetos.

Uma terceira parte da Galia situada a centro-leste da atual França e oeste da atual Suíça, tendo como centros principais Lyon, Genebra, Grenoble, etc. será ocupada pelos Burgúndios, também de etnia germânica, cuja língua se extinguirá pouco depois, dando margem ao surgimento de um grupo de dialetos, que serão conhecidos muito depois pelo nome de “franco-provençal”, por se acharem em termos lingüísticos a meio caminho entre a língua d'oil e a língua d'oc. Desta região virão cinco séculos depois os fundadores dos Condados Portucalense e da Galiza. Os Burgúndios foram assimilados pelos Francos, e estes derrotaram os Visigodos no sul, no ano de 507, fazendo que os mesmos transpusessem os Pirineus e se estabelecessem na Península Ibérica onde fundaram um reino que duraria cerca de 200 anos até ser destruído pela invasão árabe-moura em 711. Note-se aqui que o âmbito político-cultural em que nascerão os dialetos do sul da Galia e da Península Ibérica terá em grande parte uma identidade de substrato (céltico e ibero) e de

superstrato (visigodo). Assim sendo, os Francos se apoderam de toda a Galia e mais tarde, quando os ataques árabes e a tentativa de invasão da Galia pelos Pirineus se tornaram freqüentes, o poder franco se estenderia à Península Ibérica, a uma região que corresponderia aproximadamente à atual Catalunha e que recebeu à época o nome significativo de Marca Ibérica, em uma tentativa de estabelecer um limite, como o próprio nome indica, aos avanços árabes. Este fato teria consequências lingüísticas importantes para a formação da Catalunha e para a composição e constituição do cenário lingüístico do leste ibérico, da região pirenaica e também do sul da Galia, pois o catalão e o aragonês serão elementos de transição entre os dialetos ibéricos e os dialetos do Languedoc e possibilitarão um elo importante na relação cultural, social, política e lingüística entre ambos os grupos.

Na Galia o domínio franco se concentrou na região norte, entre o vale do rio Loire (latim Liger) e o mar. Para o sul foram enviados somente funcionários administrativos e algumas forças de ocupação. Esta presença será intensificada no século VIII para o combate aos árabes, derrotados em 732 por Charles Martel. As guerras contra os árabes e depois contra os normandos terão como consequência uma crise de caráter social, econômico e cultural, com a destruição ampla provocada e a decadência da vida urbana e da civilização. O advento da dinastia carolíngia trará grandes mudanças em todos os âmbitos, e na área cultural e lingüística dois fatos há a destacar, com ampla repercussão: a revitalização do latim como língua oficial, de cultura e da literatura escrita e a decisão do Concílio de Tours de introduzir a língua popular (“lingua romana rustica”) no serviço religioso, já que a população não mais compreendia o latim.

Com o tempo as diferenças entre o norte germanizado e o sul apegado à sua herança latina se irão intensificando e, embora partes de um mesmo reino, continuavam estranhas entre si. Entre as muitas diferenças de variado caráter avultam as de caráter cultural e lingüístico. É Walther Von Wartburg que nos diz a este respeito: “Le profond contraste entre Le nord ET le sud est avant tout fondé sur la langue ... À partir du moment où nous avons des témoignages directs ou indirects sur les formes linguistiques gallo-romaines du Moyen Âge, la Gaule est séparée en deux grands domaines linguistiques, le Français et le Provençal, ou comme on dit également d’après leurs façons de dire “oui”, La langue d’oïl et La langue d’oc. Autant et plus que partout ailleurs l’antagonisme et l’antipathie réciproques étaient ici fondés sur la différence linguistique” (“Les Origines des Peuples Romains”, Presses Universitaires de France, pg. 145). Os lingüistas que ainda tomam por base um critério geográfico para classificação das línguas românicas e

todos aqueles que reúnem francês e provençal em um mesmo grupo deveriam meditar bem sobre estas palavras e sobre as conclusões de Hugo Schuchardt quanto à impossibilidade científica de classificação das línguas românicas.

A unidade do império franco dos carolíngios era ilusória, sendo o mesmo constituído de povos diversos e línguas diversas e afetado ainda por grandes antagonismos. Após a morte de Carlos Magno (814) e a dissensão entre os herdeiros que culminaria com a partilha do espólio imperial no Tratado de Verdun (843), a dispersão do poder dá ensejo ao surgimento de um novo regime social: o feudalismo. Este regime tem origem remota em dois princípios, a recomendação e o benefício. Pela recomendação se estabelecia uma relação pessoal entre dois homens livres, na qual um, o vassalo, se comprometia a prestar assistência ao outro, o senhor, e este concedia um benefício ao vassalo, ou seja uma extensão de terra. Esta concessão era a princípio vitalícia, mas sob os carolíngios se tornara hereditária, constituindo desde então o que se convencionou chamar de “feudo”. Os camponeses que viviam nestes feudos eram propriedade do senhor e não podiam abandonar os limites dos mesmos, fazendo que as populações passassem a viver cada vez mais isoladas, sem contato entre si, o que contribuiu grandemente para a fragmentação dialetal/ lingüística. Ademais, com o poder crescente dos senhores feudais e o conseqüente enfraquecimento do poder real central, houve grande fragmentação política e criação de muitos limites e fronteiras que prejudicaram sensivelmente as relações sociais. No século X os senhores feudais cessam de prestar homenagem ao rei e surgem dinastias de condes e duques independentes na região sul, em Auvergne, na Aquitânia, na Septimânia, na Provença, no Delfinado, etc.. Estes senhores não têm nada de franco, a não ser o nome, tendo sido completamente romanizados pelo ambiente do sul, o que obliterou os últimos vestígios do poder franco no sul e rompeu de vez os tênues elos entre o norte e o sul da antiga Gália, o Langue d’Oil e o Langue d’Oc, acentuando ainda mais as diferenças lingüísticas entre uma e outra.

No século XI o poder crescente dos governantes da antiga Marca Ibérica, os Condes de Barcelona, fortalecidos pela união com a coroa de Aragón, fará com que estes apresentem reivindicações quanto à faixa litorânea do Langue d’Oc, entrando em choque com os Condes de Tolosa, os mais poderosos mandatários da região. Os conflitos resultarão na conquista da faixa litorânea do Mediterrâneo pelos catalães, mas serão depois solucionados através de casamentos entre as duas famílias feudais, criando um laço político forte e dando origem a um vínculo cultural intenso, com ampla repercussão na área lingüística, pois catalão e provençal serão consideradas “línguas

gêmeas”. Cabe ressaltar aqui que a cadeia de montanhas dos Pirineus, que parecia separar a Galia da Ibéria, era na verdade antes uma ponte, uma vital região de transição e contato cultural e linguístico entre o Languedoc e a Península Ibérica. É fato que o contato mais estreito se deu entre catalães, aragoneses e navarros, de um lado, e provençais, do outro, mas não podemos esquecer que os Pirineus foram a rota de trânsito natural entre provençais e outros que visitavam as outras cortes ibéricas e o santuário de Santiago de Compostela (cujo percurso ficou conhecido como “caminho francês” tal era a quantidade de peregrinos provenientes da França) e posteriormente como rota de fuga de provençais quando da perseguição e repressão brutais no âmbito da cruzada contra os cátaros. A polêmica quanto à classificação do catalão – se língua ibero-românica ou galo-românica – se resolveu por uma terceira via que excluía as duas primeiras. Esta língua é antes uma língua de transição, com traços comuns com as línguas ibéricas e também com o provençal, o que vale dizer que esta última tem uma relação muito maior com as línguas da região pirenaica do que com a língua d’oil, e, conseqüentemente, está muito mais próxima das demais línguas ibéricas do que se supunha (quando se supunha isto).

No século XII se constitui na Provença uma civilização/cultura de alto nível, detentora de uma literatura inovadora e brilhante cujo raio de influência e alcance transcendeu os limites físicos da região e abrangeu a Península Ibérica, vários reinos da Itália, reinos alemães e toda a Europa ocidental. Foi esta literatura a origem das literaturas ocidentais em língua corrente ou vulgar. Sua poesia lírica e satírica se disseminou por todas as cortes, tornou-se padrão e referência em termos de arte poética, de estilo e de estética, sendo imitada por todos, em toda parte. Na esteira desse brilho literário, a língua provençal se tornou a primeira grande língua de cultura da Europa, gozou de prestígio inigualável (“mestrejava e senhorejava per sa lenga”) e teve grande influência sobre as línguas românicas coirmãs, fato negligenciado, desconsiderado ou pouquíssimo estudado no âmbito da filologia e da lingüística histórica. Muitos trovadores estrangeiros escreveram em provençal, italianos, catalães, ibéricos, etc., foram visitar as, ou viver nas cortes provençais, assim como muitos trovadores provençais viajaram e se apresentaram em países limítrofes ou próximos. Houve intercâmbio intenso, interação considerável entre trovadores e autores dos países de língua românica. Dante e os poetas do “dolce stil nuovo” e Petrarca não teriam existido literariamente sem os provençais. O primeiro admirava tanto a arte provençal que inseriu no “Purgatorio” oito versos em provençal (139-147): “Tan m’abellis vostre cortes deman,/qu’ieu no me puese ni voill a vos cobrire./Ieu sui Arnaut, que plor e vau cantan;/

consiros vei la passada folor,/e vei jausen lo joi qu’esper, denan./Ara vos prec, per aquella valor/que vos guida al som de l’escalina,/sovenha vos a temps de ma dolor” (Canto XXIV).

Este período brilhante não teria, contudo, vida longa. Nuvens de tempestade se acumulavam no horizonte da “doce terra da Provença”. Em Paris, os Capetos, a dinastia que havia sucedido aos carolíngios em 987, olhavam para o sul com indisfarçada ambição, e em Roma a cúpula do cristianismo via com temor e preocupação crescentes o avanço e a disseminação do movimento dos cátaros (do grego “cátharos”= puro) que encontrava grande número de adeptos em todas as classes sociais. Este movimento, originário da Armênia, passou ao império búlgaro, a outros reinos balcânicos e chegou à Itália, de onde se propagou para o Langue d’Oc. Era uma doutrina maniqueísta, que pregava uma teologia às avessas (este mundo era obra do diabo, não de deus), recusava vários dogmas do cristianismo, pregava a perfeição moral e denunciava a imensa corrupção e a decadência da igreja e dos seus representantes. Depois de tentar sem êxito deter ou obstar o movimento cátaro, a cúpula da igreja cristã recorreu a uma política macchiavellica muito a seu gosto, praticada ao longo de sua longa carreira de crimes: convocou uma cruzada contra os cátaros oferecendo como recompensa aos cruzados a concessão de terras no Langue d’Oc. Era a grande chance desejada por Paris; os Capetos se uniram a voluntários de vários outros países e todos marcharam contra a região “para defender a fé cristã”, sob o comando de Simon de Montfort, chamado de Simon Le Barbare. Em 1213 nos campos de Muret travou-se a batalha entre o exército do rei Pedro II de Aragón, composto de aragoneses, catalães e provençais, e as forças dos cruzados e do rei francês, que, embora inferiorizados em número, foram vencedoras. O rei Pedro era o mandatário máximo, o suzerano da maior parte das terras do Langue d’Oc e tinha vínculos familiares com o Conde de Tolosa, que era seu genro e maior vassalo. Pedro e quase todo o seu estado maior pereceram na batalha. Seguiu-se uma campanha sistemática de terror e perseguição contra o poder regional e a população que durou décadas. Os cátaros recusaram como antes as exigências de renegação do seu movimento, refugiaram-se em fortalezas localizadas no alto das montanhas onde sucumbiram pela fome e pela sede após sítios prolongados ou foram condenados à morte na fogueira após rejeitarem a opção de “salvação” pela conversão, como ocorreu em Montsegur. Os franceses do norte, do Langue d’Oil, assumiram o controle do Langue d’Oc, o incorporaram ao seu reino e atuaram para aniquilar a cultura/civilização do sul. Em 1245 o papa lançou uma condenação contra a língua provençal, acusada de ser língua de hereges. O Langue d’Oc entrou em declínio socio-econômico-cultural. Muitos cidadãos

fugiram para a Itália e a Ibéria, e até mesmo Portugal recebeu uma corrente de fugitivos que se estabeleceram na região do Alto Alentejo, próximo à cidade de Portalegre (fato significativo como veremos mais adiante). Em 1539 o rei francês François I baixou um decreto obrigando o uso da língua francesa em todos os cartórios do reino e nos documentos oficiais, inclusive nas regiões que não eram de língua francesa, um sério golpe para a língua provençal, já então em fase de declínio, que foi aprofundado quando depois da Revolução de 1789 se proclamou o princípio de “une seule nation, une seule langue”, em uma época em que menos da metade do país falava francês. Após a introdução da escolaridade obrigatória, outro golpe contra a língua provençal foi a proibição dos “patois” nas escolas – “défendu de cracher sur le sol et de parler patois”. As crianças que falavam provençal ou qualquer outra língua que não francês eram humilhadas e castigadas na super-civilizada França, defensora das artes e da civilização. E assim a língua que foi um dia veículo de uma literatura e de uma cultura brilhantes, reverenciada e imitada por todos, que ensinou o Ocidente a escrever, que foi a primeira grande língua de cultura do Ocidente, hoje é um “patois” utilizado em rincões distantes do interior, rejeitada pelos próprios cidadãos da Ocitânia, como se prefere dizer atualmente, estigmatizada socialmente, a não ser por grupos minoritários de intelectuais e operários que fazem oposição ao governo central de Paris.

Estes foram os fatos da história externa da língua provençal. “Ara vos prec... sovenha vos a temps de ma dolor” (Dante Alighieri, Canto XXIV, Purgatorio).

II) Portugal

O filólogo catalão Antoni Griera reclamou certa vez que “ainda não se havia estudado o bastante a origem das línguas românicas nem as condições que determinaram suas características e seu agrupamento” e que, apesar da reconstrução e da cronologia das evoluções ocorridas, não se haviam considerado bem as circunstâncias históricas e geográficas” (Rev. de Ling. Românica, 5, 1929). Para o estudo da relação entre a língua portuguesa e a provençal é fundamental conhecer bem as relações históricas que se desenvolveram entre portugueses e provençais a partir da criação do Condado Portucalense e depois tentar inferir das mesmas a relação entre as respectivas línguas, apesar da ausência de documentação pertinente. Nem sempre é possível discernir claramente o que é especificamente provençal e o que é especificamente francês neste processo. Embora aqui nos interesse apenas o que diz respeito à parte provençal, há casos e situações em que ambas as partes se acham envolvidas ou em que o relato histórico não aponta ou não distingue quem é quem. Parece certo que no âmbito cultural e lingüístico prevaleceu a

parte provençal, ao passo que no âmbito político a preponderância coube à parte francesa. Outra dificuldade aqui reside no fato de que na época considerada a palavra “francês” se revela ambígua, já que pode significar tanto a totalidade do reino como também somente a parte do Languedoc, excluído o Languedoc, ou seja, somente “francês” propriamente ou então “francês e provençal” igualmente. Alguns autores se valem da forma composta “franco-provençal”, mas esta fórmula deve ser rejeitada, porque se confunde com a designação da língua ou conjunto de dialetos ou mesmo com o adjetivo que se refere ao território a centro-leste da antiga Galia e que hoje abrange ademais o oeste da Suíça. Sendo assim, adotaremos aqui a palavra “franco” para designar tudo que diz respeito ao que hoje chamaríamos de “francês” na sua totalidade, abrangendo com isto tanto a parte norte do Languedoc quanto a parte sul do Languedoc, uma vez que ambas faziam parte do império dos Francos .

Antes de a Galiza se tornar um dos centros de disseminação da cultura provençal na Península Ibérica (de onde se irradiou para Portugal e Castela), já existia um grande ponto de contato entre galegos e europeus em geral e Francos em particular. Era o centro de peregrinação de Santiago de Compostela, que atraía grande número de cristãos. Depois que a cúpula da igreja estabeleceu que uma peregrinação a Santiago de Compostela equivalia a uma peregrinação a Roma ou Jerusalém, o fluxo de peregrinos se intensificou ainda mais. Tal era a quantidade de Francos a percorrerem o caminho que conduzia àquela cidade galega, que este passou a ser conhecido como o “caminho francês”. Neste trajeto surgiram vilas e aldeias de Francos e nas cidades se formaram bairros habitados por estes. Casos houve em que os peregrinos permaneceram na Galiza. À época de Afonso VI, rei de León e Castela e criador do Condado Portucalense, o culto de S. de Compostela atingiu o seu apogeu, transformando a cidade “num centro receptor e irradiador de cultura e de influência estrangeiras para toda a Hispania e para o futuro Portugal que nasce, justamente, nesse foco, sob o calor imediato de tais aculturações”, segundo Francisco da Silveira Bueno em “A Formação Histórica da Língua Portuguesa” (Livraria Acadêmica, 1955). O mais importante, porém, nesta questão é o fato de que “entre todos (os peregrinos) predominavam os franceses do sul, os provençais” (ibidem, p. 58-59) e que, como escreve Kurt Baldinger, “en estas rutas de peregrinación se formaron colonias francesas cuyo influjo debió dejarse sentir tanto lingüísticamente como sobre todo lexicalmente” (“La Formación de los Dominios Lingüísticos en la Península Ibérica” – Ed. Gredos, Madrid, 1963 –p. 191). Palavras fundamentais, uma das poucas passagens que reconhecem diretamente a influência lingüística e sobretudo lexical.

Ainda no âmbito da religião outro foco de grande influência franca consistiu na implantação, em território ibérico, das poderosas ordens religiosas de Cluny e Cister, que através de reformas monacais tiveram considerável participação na vida das sociedades ibéricas. Prelados francos ocuparam postos de destaque na hierarquia da igreja católica como o arcebispado de Toledo, o bispado de Braga, do Porto e outros.

Na esfera política as relações entre Francos e Ibéricos parecem ter início no século IX com a aliança entre Afonso II (791-842) e Carlos Magno e atingem o auge com Afonso VI, rei de León, Castela e Galiza, cuja mulher era de origem franca, e que por suas preferências artísticas, pelas concessões ao clero de Cluny e pelas relações políticas e militares com os Capetos foi chamado de “francesado”. A ação deste monarca é de importância capital, pois foi ele que apelou aos Francos por ajuda na luta contra os almorávides. Contingentes de Francos chegarão a León e participarão das campanhas militares da Reconquista. Entre estes se contam dois Condes da Borgonha (centro-leste da França), de nomes Raimundo e Henrique, primos, que terão papel fundamental na história da Galiza, de León e sobretudo na história de Portugal. Raimundo, Conde de Amous, quarto filho de Guilherme I, o Grande, da Borgonha, esteve em León pela primeira vez em 1086 e retornou em 1090 para ficar. Teve bom desempenho na luta contra os mouros e se casou com a princesa Urraca, herdeira de Afonso VI, tendo recebido como dote e prêmio pela participação na Reconquista o Condado da Galiza cuja fronteira sul era o rio Douro. Como este era um território grande demais, Afonso VI dividiu-o e entregou em 1096 a região entre o rio Minho e o rio Douro e mais Coimbra a seu novo genro, Conde D. Henrique que se casara com a princesa Tareja e seria o primeiro governante do Condado Portucalense. Os primos não vieram sós para León, trouxeram séquitos e homens de armas, de modo que nos primeiros tempos o exército, a corte, os conselheiros e os povoadores parecem ser compostos quase totalmente de Francos. A história não diz qual era a língua destas pessoas, cabendo-nos apenas especular a este respeito. A Borgonha, terra dos dois Condes, havia sido outrora o reino dos Burgúndios (donde o nome “Borgonha”), de etnia germânica, que conquistaram a região após a queda do império romano. Foram derrotados depois pelos Francos e assimilados pela população local, e sua língua se extinguiu ainda no século V. Naquela região se desenvolveram dialetos românicos que receberam o nome de “franco-provençais” pelo fato de serem um meio-termo, uma espécie de estágio intermediário entre a língua d’oil e a língua d’oc. Ao tempo dos eventos que levariam à fundação de Portugal, a Provença estava unida ao ducado da Borgonha, e é provável que houvesse provençais no séquito e nas

tropas dos Condes burguinhões. É quase certo que estes falassem franco-provençal ou mesmo provençal. Some-se a isto a forte presença de nobres francos nas famílias reais de León, Castela e Portugal nos primeiros tempos da história deste último. Afonso VI era casado com uma nobre da Borgonha. Seus dois genros eram burguinhões. O avô materno de Sancho I, segundo rei de Portugal, era da Saboia e a avó materna, do Delfinado. Dos quatro avós de D. Afonso Henriques, fundador da monarquia portuguesa, três eram de origem franca. Sua mulher era também de origem franca. Entre seus descendentes e futuros reis de Portugal houve vários casamentos com nobres da mesma origem, estabelecendo-se assim uma forte relação político-dinástica entre Portugal e o Langue d'Oc.

À época da fundação do Condado Portucalense temos notícia da existência de povoações exclusivamente formadas por Francos: Atouguia, Lourinhã, Vila Verde, Azambuja, Coimbra e Ponte de Sor (veja-se Oliveira Martins “História da Civilização Ibérica”, pg. 172, Guimarães Editores, 10ª. ed. 1972). Posteriormente, no reinado de Sancho I, notabilizado pelos esforços em prol do repovoamento das terras reconquistadas aos mouros e por isto mesmo chamado de “O Povoador”, recorrer-se-á a colonos também francos para este fim. Grandes extensões de terras em Portugal serão doadas a Francos; a ordem militar dos Templários (Templiers) recebeu a maior parte da Beira Baixa e um vasto território entre o rio Mondego e o rio Tejo; os Cistercienses receberam doações extensas no litoral da Beira e na Estremadura. As antigas crônicas contam que estes homens “trouxeram todos os seus linhagens e seus averes e poboaram estes logares”.

Foi, porém, na esfera literária que a presença da Provença se fez sentir com o maior peso em Portugal. Embora haja indícios da presença de trovadores provençais no país, não há registros históricos da mesma. Independentemente da sua presença física ou não, a influência do lirismo provençal foi enorme, como em todo o ocidente europeu. A primeira fase da história da literatura portuguesa é chamada por isto de “provençal”. Provençais são os cânones, os modelos, a referência, o estilo, a estética, chegando mesmo à imitação pura e simples. D. Dinis, a maior expressão poética do século XIII em Portugal, diz em uma cantiga

“Quer’eu em maneira de proensal/fazer agora um cantar d’amor”

Em seu livro “The Romance Languages” o lingüista inglês W.D.Elcock tira conclusões lingüísticas desta imitação ao escrever que “imitation of Provençal was naturally responsible for an early contribution of that language to Portuguese” (pg. 435, ed. The Macmillan Company, 1960), sendo assim um dos poucos autores a reconhecer a contribuição do provençal ao português

nos seus primórdios. Teophilo Braga diz que a poesia provençal entrou na Península Ibérica por duas vias: “pela Catalunha e pela Galiza, que se tornaram centros, ramificando-se da primeira sede a escola dos trovadores para Barcelona e Aragón, e da segunda para Portugal e Castela” (“Trovadores Galecio-Portugueses”, Imprensa Portuguesa Editora, 1871. pg. 37). Segundo M.Rodrigues Lapa houve “contacto e até convivência com trovadores provençais... nas cortes de León, na corte de Afonso IX (Peire Vidal e Giraut de Bornelh), depois na corte de Castela e na de Afonso X onde enxameavam os trovadores do sul da França e de mistura com uma turma considerável de jograis e trovadores galego-portugueses” (“Lições de Literatura Portuguesa” – Coimbra Editora Limitada, 1966, 6^a.ed., pg. 122). Apesar de toda esta influência e de todos os contatos, a maioria dos autores nega a existência de trovadores portugueses que tenham escrito em língua provençal, como sucedeu na Itália, em Aragón e mormente na Catalunha, onde boa parte da literatura local foi escrita diretamente em provençal. Não obstante, R.Lapa cita o caso de um trovador português, Garcia Mendes do Eixo, de quem se conhece uma cantiga em provençal, da qual o autor aduz alguns versos:

“... e ora me volho tornar/ a Sousa, a lo mon logar,/que m’ adola e me saudona” (Cancioneiro da Biblioteca Nacional, 454) (ibidem, pg. 122). Nos seus comentários ao Cancioneiro da Ajuda, D. Carolina Michaelis faz menção ao “clérigo Ayres Nunes de Santiago que poetava em língua provençal”, mas de quem não se conservou nenhum texto (“Cancioneiro da Ajuda” – reimpressão da edição de Halle de 1904 – Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pg. 512). Portanto, não é verdadeira a afirmação por vários autores de que não houve trovadores portugueses que tenham escrito em provençal. Em contrapartida, houve um trovador provençal, Raimbaut de Vaqueiras, que no seu “Descordo Plurilingue” escreveu uma estrofe em galego-português:

“Mas tan temo vostro pleito,/Todo’ n soy escarmentado;/Por vos ai pena e maltreyto...” (“O Descordo Plutilingue de Raimbaut de Vaqueiras” – Ariel Castro – Editora do Autor – Rio – 1995, pg. 51)

No século XIII a cruzada contra os cátaros, a invasão do Languedoc e a guerra resultante, que durou décadas, tiveram como consequência a destruição da cultura/civilização provençal. Muitas pessoas se viram obrigadas a deixar a região e procurar refúgio em terras vizinhas como Itália, Aragón, Catalunha e em outras mais distantes como Castela, León, Galiza, Asturias e Portugal. No caso deste último vieram somar-se a outros cidadãos provençais que haviam vindo como colonos em função da política de repovoamento de regiões como o Alto Alentejo no fim do século XII. Anteriormente, nos comentários finais do capítulo sobre a história externa da língua provençal,

USP -1951 – pg.53).

Os fatos da história interna

Os fatos da história externa supracitados mostraram que houve uma relação intensa e estreita entre Portugal e Langue d’Oc e Langue d’Oil, como entre estas e os demais reinos da Península Ibérica: na política através do sistema de união dinástica por meio de casamentos, na literatura através da obra dos trovadores, na religião através das reformas monacais e da introdução das ordens de Cluny e Cister, na guerra através da ajuda no combate aos mouros, etc.. Agora cabe analisar o aspecto lingüístico em si, a relação entre a língua portuguesa e a língua provençal. Toda esta relação multifacetada terá tido conseqüências no âmbito lingüístico supostamente, como infere T.H.Maurer Jr. Muito natural que em uma relação humana, política, social, cultural haja também uma interação lingüística. Certamente que houve; porém, a esse respeito a lingüística luso-brasileira é omissa. Porque tanto se comenta tradicionalmente a influência do francês no léxico, na sintaxe, no estilo, mas nada se diz sobre a influência provençal que todavia é bem maior do que aquela na fase de formação da língua, no português arcaico; Será que a omissão se deve ao fato de se tratar de algo muito antigo, sem maior interesse na atualidade; Será que mais recentemente é uma questão de descaso pela diacronia ou pelo método histórico-comparativo, alvos da aversão ou da indiferença das correntes da lingüística moderna; Como interpretar o desinteresse dos filólogos de gerações anteriores pelo provençal, apesar de sua importância para a filologia românica, como explicar os erros de etimologia por causa desse desinteresse, desse desconhecimento; Como explicar a troca de étimos claramente provençais por pseudo-étimos franceses ou castelhanos; Como ignorar a similaridade e a identidade léxica clamorosa entre português e provençal, em muitos casos bem maior do que aquelas entre português e astur-leonês ou castelhano, que não obstante estão geograficamente muito mais próximos; O que dizem os historiadores da língua portuguesa a respeito; Clarinda de Azevedo Maia trata exclusivamente da história interna do galego-português, sem referências a outras línguas. Paul Teyssier, que é francês, se limita a escrever cinco linhas sobre empréstimos franceses e provençais e aduz meia dúzia de exemplos (“História da Língua Portuguesa”, ed. Martins Fontes, 1997, pg. 39-40). Serafim da Silva Neto diz muito pouco, embora o que diz seja de grande peso: “No que se refere ao vocabulário são igualmente notáveis as coincidências entre o provençal, o gascão, o espanhol e o português” (pg. 312) e “Dessarte o sul da França, ou seja, para falar em termos lingüísticos, o provençal e o gascão, vêm a entrosar-se com as línguas da Ibero-România,

com o catalão, o espanhol e o português” (pg. 311), apud “História da Língua Portuguesa” – ed. Livros de Portugal, 2ª.ed., 1970.

Provençal, língua galo-românica;

Muito já se escreveu e teorizou a respeito da classificação das línguas românicas. Os resultados não foram muito brilhantes. Parece que não se atentou bem para o fato de que as línguas não se deixam enclausurar em esquemas, ainda que bem concebidos. Várias classificações foram tentadas com critérios os mais diversos. Bartoli dividiu a România em ocidental e oriental, valendo-se da famosa linha La Spezia-Rimini. Muitos lançaram mão do critério geográfico, reunindo, por exemplo, no mesmo grupo galo-românico, provençal e francês, apesar de toda a divergência fonológica e lexical entre ambos, sem atentar para o aspecto cultural. A este respeito escreveu Serafim da S. Neto na sua “História da Língua Portuguesa”: “... podemos desde logo separar a România Ocidental da România Oriental. Isso, todavia, ainda não basta, porque a România Ocidental pode subdividir-se em dois grupos nitidamente caracterizados. É preciso que não nos prendamos ao conceito puramente geográfico, mas nos alcemos até o conceito cultural... Já em 1914, no seu memorável artigo acerca dos problemas de geografia lexical do romance, o grande mestre suíço Jakob Jud frisava que o norte da Galia se opunha culturalmente ao sul mediterrânico e formava grupo com a Germânia romana (“Probleme der Altromanischen Wortgeographie”). Dessarte o sul da França, ou seja, para falar em termos lingüísticos, o provençal e o gascão, vêm a entrosar-se com as línguas da Ibero-România, com catalão, o espanhol e o português” (pg.311). Uma rápida amostra comparativa entre português, castelhano, provençal e francês antigos nos sirva de ilustração:

PT=português CT=castelhano PV=provençal FR=francês

PT=abelha CT=abelia PV=abelha FR=ef,ep; PT=calar CT=callar PV=calar
FR=zero; PT=enredar CT=enredar PV=enredar FR=zero; PT=escama
CT=escama PV=escama FR=zero; PT=esmerar CT=esmerar PV=esmerar
FR=zero; PT=eu CT=eu/eo PV=eu FR=je/jo; PT=ficar CT=ficare PV=ficar
FR=fichier; PT=fivela CT=fiviella PV=fivela FR=zero; PT=grei CT=grey
PV=grei FR=zero; PT=lar CT=lare PV=lar FR=zero; PT=lama CT=lama
PV=lama FR=zero; PT=mais CT=más PV=mais FR=zero; PT=manteiga
CT=manteca PV=mantega FR=zero; PT=pelejar CT=peviare PV=pelejar
FR=zero; PT=podar CT=podar PV=podar FR=zero; PT=porca CT=puerca
PV=porca FR=zero; PT=sentar CT=sentar PV=sentar FR=zero;
PT=sobra CT=sobra PV=sobra FR=zero; PT=sobrepujar CT=sobrepujar
PV=sobrepujar FR=zero; PT=volta CT=vuelta PV=volta FR=zero

Os exemplos acima mostram como em termos lexicais o provençal se “entrosa” com as línguas da Ibéria. Contudo, há um outro detalhe a destacar: as formas provençais estão mais próximas foneticamente do português do que do castelhano, o que constitui nova demonstração de que o critério geográfico é falho e precário e de que não se pode prescindir do critério cultural e histórico. Julgamos que o enquadramento insistente e inepto do provençal na chamada área galo-românica terá contribuído para uma visão errônea e preconceituosa desta língua, para a não devida consideração da mesma pelos filólogos ibéricos e brasileiros, em suma para seu desconhecimento e o pouco estudo de que foi alvo.

Se confrontarmos agora um grupo de palavras do português, do provençal e do astur-leonês, sendo este último o idioma mais próximo do português em termos geográficos e também em termos lingüísticos propriamente, veremos novamente como o critério geográfico é inadequado e insuficiente, sem o aporte dos critérios cultural e histórico, mormente em vista da estreita relação entre português e provençal, que neste caso se manifesta uma vez mais em toda a sua evidência.

PT=português antigo PV=provençal antigo AL=astur-leonês moderno
 PT=agulha PV=agulha PV=aguya/agucha/abuya; PT=esmar PV=esmar
 AL=zero; PT=calhau PV=calhau AL=zero; PT=cegonha PV=cegonha
 AL=cigueña; PT=desejar PV=dezejar AL=desear/deseyar; PT=dizer
 PV=dizer AL=dicir; PT=dona PV=dona AL=dueña; PT=engolir PV=engolir
 AL=engullir; PT=enojar PV=enojar AL=anuxar; PT=envergonhar
 PV=envergonhar AL=envergonzar; PT=espantallo PV=espantallh
 AL=espantayu; PT=estar PV=estar AL=tar; PT=filha PV=filha AL=fiya;
 PT=fora PV=fora AL=fuera/fuora; PT=gengiva PV=gengiva Al=xenciva;
 PT=ilha PV=ilha AL=isla; PT=inveja PV=enveja AL=enveya; PT=jejuar
 PV=jejunar AL=ayunar; PT=louvar PV=lauvar AL=lloar; PT=lenha
 PV=lenha AL=lleña; PT=lentilha PV=lentilha AL=llenteya/llentexa;
 PT=madureza PV=madureza AL=maureza; PT=melhor PV=melhor
 AL=meyor; PT=nembrar PV=nembrar AL=zero; PT=nau PV=nau
 AL=nave; PT=nora PV=nora Al=xenra; PT=ouvir PV=auvir Al=oyer;
 PT=olho PV=olh AL=gueyo; PT=perco PV=perc AL=pierdo; PT=pescaria
 PV=pescaria AL=pescadería; PT=roda PV=roda Al=rueda; PT=tesoiras
 PV=tezoiras AL=tisories; PT=vileza PV=vileza Al=vildá

Mesmo levando-se em conta que a comparação não é a ideal pelo fato de não havermos tido acesso às formas do astur-leonês antigo, evidencia-se mais uma vez o impressionante grau de proximidade lexical e fonológica entre português e provençal, que somente os fatos de natureza histórica

e cultural podem explicar. É preciso que se diga aqui que a influência do provençal também se fez sentir em Asturias e León, onde a linguagem dos antigos foros, mormente os de Avilés e Oviedo, apresenta provençalismos, e também ali houve colonização por imigrantes do Langue d’Oc. Deve-se ressaltar outrossim que os dialetos asturianos ocidentais já estão em área de transição para o galego e que os dialetos leoneses fronteiriços de áreas como a Sanabria, por exemplo, estão muito próximos do português, mas ainda assim a identidade e a similaridade entre português e provençal se destacam, como a confirmar que a relação entre ambos é mesmo de caráter muito especial, sobrepondo-se à distância geográfica e induzindo necessariamente à admissão de um vínculo cultural forte e de uma interação histórica apreciável.

O caráter ilusório e prejudicial da classificação do provençal no chamado grupo galo-românico, juntamente com o francês, fica evidente quando se confrontam a evolução e as formas de ambas as línguas no período arcaico como veremos a seguir.

As principais diferenças fonológicas entre provençal e francês são as seguintes:

Em provençal as oclusivas surdas intervocálicas sofrem sonorização (o mesmo ocorre nas línguas românicas ibéricas), ao passo que em francês estas oclusivas ou se transformam em fricativas ou desaparecem por completo:

<u>Latim</u>	<u>Provençal</u>	<u>Francês</u>
ripa	riba	rive
sapere	saber	savoir
maturu	madur	meur
vita	vida	vie
securu	segur	seur
pacare	pagar	payer

Em provençal a oclusiva dental sonora “d” e a velar sonora “g” em geral se conservam, ao passo que em francês são eliminadas (em alguns casos o “g” se vocaliza em “i”).

<u>Latim</u>	<u>Provençal</u>	<u>Francês</u>
augustu	agost	aoust
plaga	plaga	plaie

Em provençal o “a” final se conserva, ao passo que em francês se enfraquece, passando a “e”.

<u>Latim</u>	<u>Provençal</u>	<u>Francês</u>
faba	fava	feve
acucula	agulha	aiguille
ciconia	cegonha	cicogne

filia filha fille

Em provençal as vogais tônicas se mantêm, ao passo que em francês, quando se acham em posição livre na sílaba, sofrem alteração (exceto “i” e “u”); o “a” em posição livre passa a “e”.

<u>Latim</u>	<u>Provençal</u>	<u>Francês</u>
cantare	cantar	chanter
capra	cabra	chevre
cor	cor	cuer/coer
flore	flor	flour
mele	mel	miel
mense	mes	meis
opera	obra	uevre

Como se observa, o provençal apresenta identidade e/ou similaridade fonética muito maior com as línguas românicas ibéricas do que com o francês. É marcante a similaridade de evolução fonética com o português. O vocalismo do provençal é muito mais conservador e, portanto, muito mais fiel à origem latina do que o vocalismo do francês. Nesta língua o “e” e o “o” tônicos se ditongam muito cedo, ao passo que em provençal esta ditongação é tardia, quando ocorre (em alguns dialetos), e isto somente se dá sob influência de som palatal ou velar próximo.

Provençal melhs > mielhs deu > dieu olh > uólh/uélh

Em francês as vogais tônicas sofreram grandes alterações em razão de um intenso alongamento das vogais em sílaba livre, por influência germânica, ao contrário do que ocorre nas demais línguas românicas ibéricas, que desconhecem esse tipo de alteração.

No que diz respeito às diferenças léxicas entre provençal e francês há dois pontos a considerar. O primeiro é que o provençal apresenta um contingente muito superior de palavras latinas por assim dizer tradicionais ou “clássicas” em comparação com o francês, em função da romanização precoce e integral da antiga Provincia Gallia Narbonensis, como atestam os exemplos abaixo:

<u>Latim</u>	<u>Provençal</u>	<u>Latim</u>	<u>Francês antigo</u>	<u>Francês</u>
<u>moderno</u>				
gallu	gal	coccus	coque	coq
pisce	peis	*piscione	pescion	poisson
fonte	fon	fontana(aqua)	fontaine	fontaine
luce	lutz	luminaria	luminaire	lumière
campana	campana	clocca	cloche	cloche

O segundo ponto é que o francês possui um contingente muito elevado de

palavras germânicas devido ao longo domínio franco de seis séculos, exercido predominantemente sobre a língua d’oil. Exemplo:

<u>Latim</u>	<u>Provençal</u>	<u>Francês antigo</u>	<u>Germânico</u>
verecundia	vergonha	honte	haunita
battuere	batre	fraper	hrappan
saepe	sep	haie	hagja
grege	grec/grei	herde	herda
colle	col	hoge	hoga
odiu	odi	haine	hatjan
miseria	mizeri	besogne	bisunnia
construere	construir	bastir	bastjan
offendere	ofendre	blesier	blettjan
blandire	blandir	flater	flatjan

Os dados apresentados acima ilustram as diferenças significativas entre provençal e francês e a inadequação da classificação tradicional, que os reuniu em um mesmo grupo. Se é verdade que o provençal se formou e desenvolveu na Galia dominada pelos Francos, não é menos verdade que apresenta muito mais identidade e similaridade com as línguas românicas ibéricas, sobretudo com o catalão, seu vizinho pirenaico, e depois com o aragonês e o galego-português.

Provençal e português: identidade, similaridade e paralelismo

O nosso estudo partiu de uma leitura do “Petit Dictionnaire Provençal-Français”, de Emil Levy, e do levantamento das isolexias e das palavras ali contidas de notável similaridade entre provençal e português. Dos cerca de 12.000 verbetes selecionamos cerca de 1500 e destes extraímos 145 que nos pareceram mais representativos. Estes 145 verbetes foram listados e traduzidos para o português, francês e castelhano antigos e para o catalão e astur-leonês modernos (à falta de dicionários da fase arcaica destas línguas) para fins de comparação. Estas listas e traduções se acham ao final do presente estudo.

Uma abordagem de âmbito puramente lexical, contudo, não nos parecia suficiente para a finalidade que tínhamos em vista – demonstrar a estreita relação entre as duas línguas – razão pela qual fizemos uma incursão breve pelos setores da fonologia e da morfologia e incluímos algumas apreciações sobre etimologia.

Fonologia

Na área da fonologia se observam uma identidade e similaridade consideráveis entre português e provençal. É fato que em parte isto se deve a fenômenos já manifestos no latim corrente ou vulgar e/ou a uma evolução coincidente ou paralela. Contudo, as “coincidências” notadas no vocalismo e no consonantismo são tão numerosas e significativas que a explicação tem que ser buscada também em fatores extralingüísticos como já mencionamos anteriormente. Acresce o fato de que algumas destas “coincidências” são próprias somente do português e do provençal, o que vem a reforçar a nossa impressão de que a história externa de ambos teve um papel muito importante no processo e responde por uma boa parte destes fenômenos.

Bibliografia

- Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1961.
- ALIBERT, Lois. *Dictionnaire Occitan-Français*. França: Institut d'Etudis Occitans, 1997, 6a. Ed.
- ANGLADE, J. *Grammaire de l'Ancien Provençal*. Paris: Klincksieck, 1921.
- _____. *Grammaire Élémentaire de l'Ancien Français*. Paris: Armand Colin, 1965.
- APPEL, C. *Provenzalische Chrestomathie*. Leipzig: 1930, 6ª.ed.
- ARIAS, X.L.García. *Diccionario General de la Lengua Asturiana*. Ovideo: Prensa Asturiana, 2002-4.
- BALDINGER, K. *La Formación de los Dominios Lingüísticos en la Peninsula Ibérica*. Madrid: Gredos, 1963.
- BASSETTO, B.F. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: Edusp, 2001.
- BLOCH, O. E WARTBURG, W. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*. França: Presses Universitaires de France, 1951.
- BOURCIEZ, E. *Éléments de Linguistique Romane*. Paris : Klincksieck, 1946.
- Centre de Philologie et de Littératures Romanes de Strasbourg. *Mélanges de Linguistique, Philologie et Littérature offerts à M.Albert Henry*. Paris: Klincksieck, 1970.
- BRAGA, T. *Trovadores Galecio-Portugueses*. Porto: Imprensa Portuguesa Editora Porto, 1871.
- BUENO, F. S. *Formação Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.
- CASTRO, Ariel. *O Descordo Plurilingue de Raimbaut de Vaqueiras*. Rio de

Janeiro: Editora do Autor, 1995.

COHEN, M. *Histoire d'une Langue; le Français*. Paris: Les Éditeurs Français Réunis, 1950.

COROMINAS, J. e PASCUAL, A. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Madrid: Gredos, 1980.

COUTINHO, I.L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.

CUNHA, A.G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DAUZAT, A. *Précis d'Histoire de la Langue et du Vocabulaire Français*. Paris: Larousse, 1949

_____. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*. Paris: Larousse, 1938.

ELCOCK, W.D. *The Romance Languages*. Londo: University Press Oxford, 1960.

ENTWISTLE, W.J. *The Spanish Language*. London: Faber and Faber, 1962.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine: Histoire des Mots*. Paris: Klincksieck, 1994.

FIGUEIREDO, C. *Novo Dicionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Soc. Ed. Arthur Brandão, 1922.

GONZÁLEZ, J.R.Fernández. *Gramatica Histórica del Provenzal*. Espanha: Universidad de Oviedo, 1985.

GREIMAS, A.J. *Dictionnaire de l'Ancien Français*. Paris: Larousse, 1969.

GROULT, P. *La Formation des Langues Romanes*. Tournai: CASTERMAN, 1947.

HUBER, J. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: F.C.Gulbenkian, 1962.

JABERG, K. *Sprachwissenschaftliche Forschungen und Erlebnisse*. Zuerich: Max Niehans, 1937.

KREMnitz, G. E NIEMEYER, Max. *Das Okzitanische, Sprachgeschichte und Soziologie*. Tuebingen: Verlag, 1981

LAPESA, R. *História de la Lengua Española*. Madrid: Gredos, 1981

LAFONT, R. e ANATOLE, C. *Nouvelle Histoire de la Littérature Occitan*. França : Institut d'Estudis Occitans, Presses Universitaires de France, 1970.

LAGARDA, A. *Anthologie Occitane du Pays de Montségur*. Toulouse: Centre Regional d'Etudes Occitanes, 1978.

LAUSBERG, H. *Linguística Românica*. Madrid: Gredos, 1965.

LAPA, M.R. *Lições de Literatura Portuguesa: Época Medieval*. Coimbra: Coimbra Editora, 1960.

LAPESA, R. e GARCÍA, C. *Léxico Hispánico Primitivo*. Madrid: Espasa-

Calpe, 2003.

LEVY, Emil e WINTER, Carl. *Petit Dictionnaire Provençal-Français*.l. Alemanha: Universitaetsverlag Heidelberg, 1973.

LUEDTKE, H. *História del Léxico Románico*. Madrid: Gredos, 1968

MACHADO, J. P. *Origens do Português*. Lisboa: Lisboa, 1967.

MACHADO, A.V. Lopes. *Dicionário Etimológico de Português Arcaico*. Salvador: Edufba, 2013.

MALVEZIN, P. *Glossaire de la Langue d'Oc*. Paris, 1908-9.

MARTINS, O. *História da Civilização Ibérica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1972.

MAURER, T.H. Jr. *A Unidade da România Ocidental*. São Paulo: Edusp, 1951

MEIER, H. *Ensaio de Filologia Românica*. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

MEYER-LUEBKE, W. *Introdução ao Estudo da Glotologia Românica*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1916.

MEYER-LUEBKE, W. e WINTER, Carl. *Romanisches Etymologisches Woerterbuch*. Alemanha: Universitaetsverlag Heidelberg, 1992, 6ª.ed.

MISTRAL, F. *Lou Tresor dou Felibrige*. Barcelona: Ramoun Berenguí, 1968.

NASCENTES, A. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

NETO, S. S. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

NUNES, J.J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945.

POSNER, R. *The Romance Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

Real Academia Española. *Diccionario de la Lengua Española*. Madrid, 1984.

RIQUER, M. de. *Los Trovadores, Historia Literaria y Textos*. Barcelona: Ariel, 1975.

SARAIVA, J.A. e LOPES, O. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 5ª.edição

SCHULTZ-GORA, O. e WINTER, Carl. *Altprovenzalisches Elementarbuch*. Alemanha: Universitaetsverlag Heidelberg, 1924

SILVA, J.C. *Dicionário da Língua Portuguesa Medieval*. Paraná: Universidade Estadual de Londrina, 2007

SPINA, S. *A Lírica Trovadoresca*. São Paulo: Edusp, 3ª.ed.1991.

TAGLIAVINI, C. *Orígenes da las Lenguas Neolatinas*. Espanha: Fondo de

Cultura Econômica, 1993.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TUÑÓN, M.G. *Diccionario de Castellano Antiguo*. Madrid: Alfonsópolis, 2002.

VAAN, M. De. *Etymological Dictionary of Latin and the Other Italic Languages. Leiden Indo-European Etymological Dictionary Series*. Boston: Brill, 2008

VASCONCELOS, J.L. de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

_____. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

VIARO, M.E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VIDOS, B.E. *Manual de Linguística Românica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

WARTBURG, W.v. *La Fragmentación Lingüística de la Romania*. Madrid: Ed.Gredos, 1971.

_____. *Les Origines des Peuples Romains*. Paris: Presses Universitaires de France, 1041.

WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.